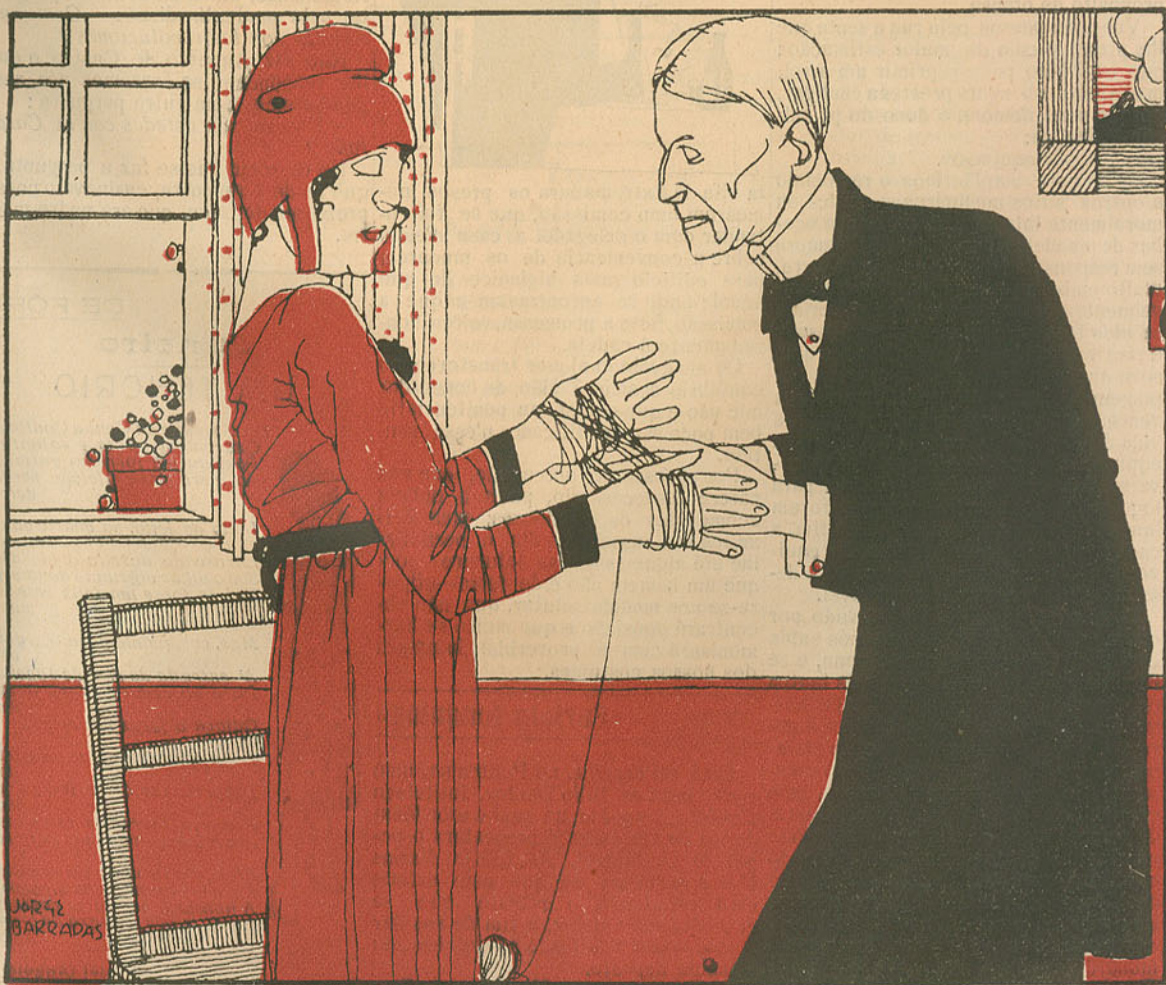




Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

DENTRO DE CASA



— Ora para o que eu estava guardado n'esta! idade, para desembaraçar uma meada d'estas!



PALESTRA AMENA

O equivoco

A observação não é nossa: é de toda a gente que se dê ao trabalho de pensar e foi posta em bela prosa por um dos primeiros escritores da nossa terra, mestre de todos os humoristas. O equivoco em Portugal é a causa de quasi todas as desgraças que nos acontecem...

Repare o leitor que logo de crianças nos habituamos a lançar mão d'ele para desculpa dos nossos atos mais ou menos de reprovar. Quem não sabe que uma criança, quando a repreendem, diz imediatamente que «não foi por querer»? Depois, pela vida fora, os equivocados multiplicam-se, uns sem resultados funestos e outros causando os maiores prejuizos, e em verdade entrando eles tanto nos nossos hábitos que todos os aceitam de boa mente, confiados em que só por excção houve o proposito de ofensa.

Vae uma pessoa pela rua e sente que lhe pizam o calço de maior estimação; que faz? Não pode reprimir um arrei, mas abaixa a b'ngala prestes a castigar, porque sem demora o dono do pé calante explica:

— Foi por equivoco.

Se do calço ampliarmos o raciocinio a outros sitios melindrosos, fisica ou moralmente falando, é um nunca acabar de pisadelas durante a vida, sempre sem responsabilidade de quem as ferra, muito embora os efeitos sejam sensivelmente eguaes aos que se sofreriam se elas fossem dadas de caso pensado e rixa velha: dão-nos muitas vezes uma sova que era destinada a outrem, impingem-nos, por engano, uma droga venenosa, torna-se-nos insuportavel a vida de familia porque uma dama se equivocou escolhendo-nos, ou vice-versa, dão-nos noticias alegres para logo as desmentirem, porque foram lançadas por inadvertencia, emfim, a cada instante somos victimas do equivoco, permitindo-se-nos somente o desabafo de o acharmos lamentavel.

Isto, repetimos, foi observado por quem muito melhor do que nós sabia castigar os costumes com a pena, e se recordamos o facto, depois de tantos anos passados sobre a critica primitiva, é só para que não se atribua á geração de hoje a simplicidade do sistema, tão velho que nos tem acompanhado desde os primeiros passos, pelo caminho da historia adiante. Com a diferença de que atualmente o equivoco não tem as consequências salutaras do que, por exemplo, levou o velho aio de Afonso Henriques a apresentar-se de corda ao pescoço ao rei de Leão, contribuindo para que se fundasse a monarchia e evitando que o filho de Tereja se visse em maus lençoes — se é que em época tão obscura se usava esse luxo em camas de prisioneiros.

J. Neutral.

Os rigores da prisão

Leram decerto que sendo ha dias procurado um preso no respétivo calabouço, e não encontrado, depois de varias investigações averiguou-se que o homem tinha ido almoçar a um restaurante proximo. Os jornais não disseram se ele voltou ou não ao calabouço, mas isso é pormenor de pouca importancia; o que convem é acentuar o precedente, como muito de adotar nos tempos de progresso, que atravessamos.

Já em tempo contámos que em cer-



ta vila da Extremadura os presos nomearam uma comissão, que se foi entender com o delegado, a casa d'este, sobre a conveniencia de os mudarem para edificio mais higienico do que aquele onde se encontravam e que a comissão, feita a promessa, voltou honradamente á cadeia.

De aí adveio qualquer transtorno ao equilibrio cosmico? Não de concordar que não e que o sistema penitenciario bem pode ser modificado n'esse sentido.

Por excesso de precaução, que nos parece desnecessario, pode a policia acompanhar os criminosos; mas deixa-os ir a passeio de dia e permitir-lhe até algumas saidas noturnas — porque um homem não é de ferro — afigura-se nos medida salutar, que não encontrará opposição e que muito se harmonizará com a proverbial brandura dos nossos costumes.

«Carlota Joaquina»

Está em ensaios, no Politeama, uma nova peça de Julio Dantas, intitulada *Carlota Joaquina*, na qual o ator Mendonça de Carvalho representará o papel de D. Miguel. As folhas diarias já nos avisaram de que este artista está estudando o retrato que se encontra em Queluz, a fim de nos dar com a maior fidelidade as feições do principe deposto.

Efetivamente, se o Mendonça de Carvalho consegue mudar de olhos, de nariz, de boca, de queixo, de estatura, etc., etc., é capaz de nos dar um D. Miguel por uma pena!

Contadores

Um valente grupo de portugueses acaba de ser nomeado para ir lá fóra honrar o nome português — o qual grupo vae a Amsterdam de proposito para contar alguns milhares de florins que ali estão depositados num banco e que nos pertencem.

Ora, lá que para a discussão das condições da paz seja necessario mandar uma duzia de pessoas, vá que não vá; mas para se proceder a uma operação que qualquer marçano executa ai todos os dias, parece-nos luxo de mais.

A isto responderá quem os nomeou que não vão em comboio especial — o que é de agradecer.

Em Hespanh

Numa das suas bellissimas crónicas do *Seculo*, edição da noite, conta o illustre escritor Augusto de Castro que Romanones, ainda antes de lhe perguntar pela saude, lhe disse: — *Como van ustedes con las revoluciones?*

Não diz Augusto de Castro o que lhe respondeu; se fossemos nós, responderíamos, com outra pergunta:

— *Y como van ustedes con la Cataluña?*

No caso em que se faz a pergunta é que se dá a resposta, ensinava o nosso professor de latim, que era padre-mestre.

DE FÓRA

Janeiro

UM TENORIO

D. Aninhas da Cunha Coutinho, Quarentona beata e solteira, Possuia um formoso gatinho Ao qual tinha afeição verdadeira.

Junto ao leito, no quarto da cama, Enroscado dormia o bichano, Sob o olhar vigilante da dama, Tal se fosse um feliz ente humano.

Mas, comquanto pacato, o gatinho, A' entrada do mez de Janeiro, Dava ao demo da dona o carinho.

Odiava o feroz cativello.

E deixando da dama os cuidados, Despresando o seu leito d'arminhos Preferia correr os telhaços Aos miaus procreando gatinhos.

Fóra, d'outros a vida opulenta Para ele eram fados tiranos... A ninguém sua sorte contenta E não fogem á regra os bichanos.

Jordel (Angola).

Em respeito aos ouvidos mimosos E á moral a mais pura e a mais sã (Inda os ha n'estes tempos ditosos) Amputou-se-lhe o mot de la fin.

J. C.

**A batotinha amena**

Uma fita animatografica atualmente em exploração foi reclamada pelas esquinas n'um cartaz—enigma ou advinação, na qual figura um jogo de monte: as quatro cartas sobre a mesa e a mão do banqueiro puxando o rabo á sota.

São de louvar estas estampas elucidativas e ao mesmo tempo recreativas, que unem o util ao agradável.

Carta da Joanhinha dos olhos verdes

Sr. redactor :

Creio que não sou uma desconhecida para v. Sou a Joanhinha dos olhos verdes, de quem o seu colega Almeida Garrett disse «linda menina que ela era» e que, pela pena amenissima d'aquelle escritor, tem feito o encanto d'algumas gerações, por elas até ha pouco respeitada na sua modesta vivenda do Vale de Santarem. Julgavame, sr. redactor, pela tradição, pelo respeito devido á memoria do mestre, por ser portugueza, ao abrigo das paixões politicas que agitam a sociedade actual, pois que não sou democratica, evolucionista, unionista, republicana velha ou nova, nem mesmo monarchica. Sou, repito, apenas a Joanhinha dos olhos verdes, a dona da janela que o poe-



ta floriu com seus delicados conceitos e que convinha conservar para todo o sempre, por galanteria e patriotismo, com as suas rosas de tocar, que só os raios discretos do sol ou a brisa da tarde se atreviam a roçar. Não era então licito supôr que a essa janela os homens só enviassem beijos ou madri-gaes?

Pois bem, sr. redactor. Ha dias a quietação deste vale foi brutalmente perturbada por desusados estrondos, e estilhaços de granadas estoiraram em poucos momentos as pedras do balcão de onde os meus olhos avistaram o poeta que os immortalisou.

Sr. redactor: que os mangericos das perliquitetes da rua da Padaria, por exemplo, sejam alvos do canhão, é lamentavel mas desculpa-se; agora, que a brutalidade revolucionaria se alaste pelos recantos das nossas aldeias, onde ainda vive um Portugal carinhoso e

**EM FOCO****Jorge Barradas**

*Permita-me o leitor que lhe apresente
Quem de futuro, com famoso traço,
Lhe vai causar o riso a cada passo
No belo semanario aqui presente.*

*Não ha dificuldade, por ingente,
Que lhe produza sombra de embaraço
E se mais elogio lhe não faço
E' que a sua modestia não consente.*

*Pois que são proibidas as massadas
Direi apenas que no mundo inteiro
Ha só duas pessoas engraçadas:*

*Uma d'elas (desculpe o cavalheiro)
E' sem sombras de duvida, o Barradas;
Ele dirá quem é o companheiro...*

BELMIRO.

simples, procedimento é esse contra o qual protesta a sua doce e ingenua

*Joanhinha dos olhos verdes.***Torre de Ouro****Padre Lérias e o macaco**

*Em amigavel cabaco,
Acharam-se um dia juntos,
Falando em varios assuntos,
Padre Lérias e um macaco.*

*Ali postos frente a frente
O simile era completo;
Só por falar mais discreto
O mono parecia gente.*

*Estiveram palestrando
Té que o macaco enfadado
De escutar o tonsurado
Protesta vociferando:*

*— «O' compadre, isso é demais!
Tenho ouvido muita aneira,
Mas assim, d'essa maneira,
Confesso-lhe que jamais!»*

*— «Jamais?! Forte admiração!
(Diz o padre indo-se embora)
Se não quer ouvir agora
Será n'outra ocasião.*

*«Pois não disse nem metade
Do que tenho p'ra dizer,
Afôra os que hei-de escrever,
Que são igual quantidade.*

*«Contam-se pelas estrelas!
Tenho aqui o meu diploma
De Arquiasnasio de Roma
Que me autoriza a dize-las!»*

LUIZ CALADO NUNES.

(De «O meu moinho»).

o Marques, critico

O nosso Marques, grande frequentador de teatro, assistiu á primeira apresentação do *Egas Moniz*, aplaudiu como era de seu dever, mas ao contrario de toda a gente declarou á saída, n'um grupo de amigos, que não gostava do cenario.

— Mas qual é o defeito que lhe apontam? perguntaram-lhe:

O Marques, com convicção;

— Acho que o estilo é pouco manuelino...

Correspondencia

L. Miranda — Que temos nós com isso? Mandé as cartas á pequena e case com outra.

B. Anunciação — A gramatica é uma coisa difficil, maas aprende-se com o tempo. Dedique-se a ela.

R. Tejo (Almeirim) — Não faça versos, menina:!

Faça outra coisa, que em suma... Não fazer coisa nenhuma Também lhe não aconselho

como dizia o nosso bom João de Deus.

Ri-qui-qui — Já cá tardava a descompostura. Diga o que quizer, que nós pensamos de você tudo o que diz de nós e mais isto: : é burro.

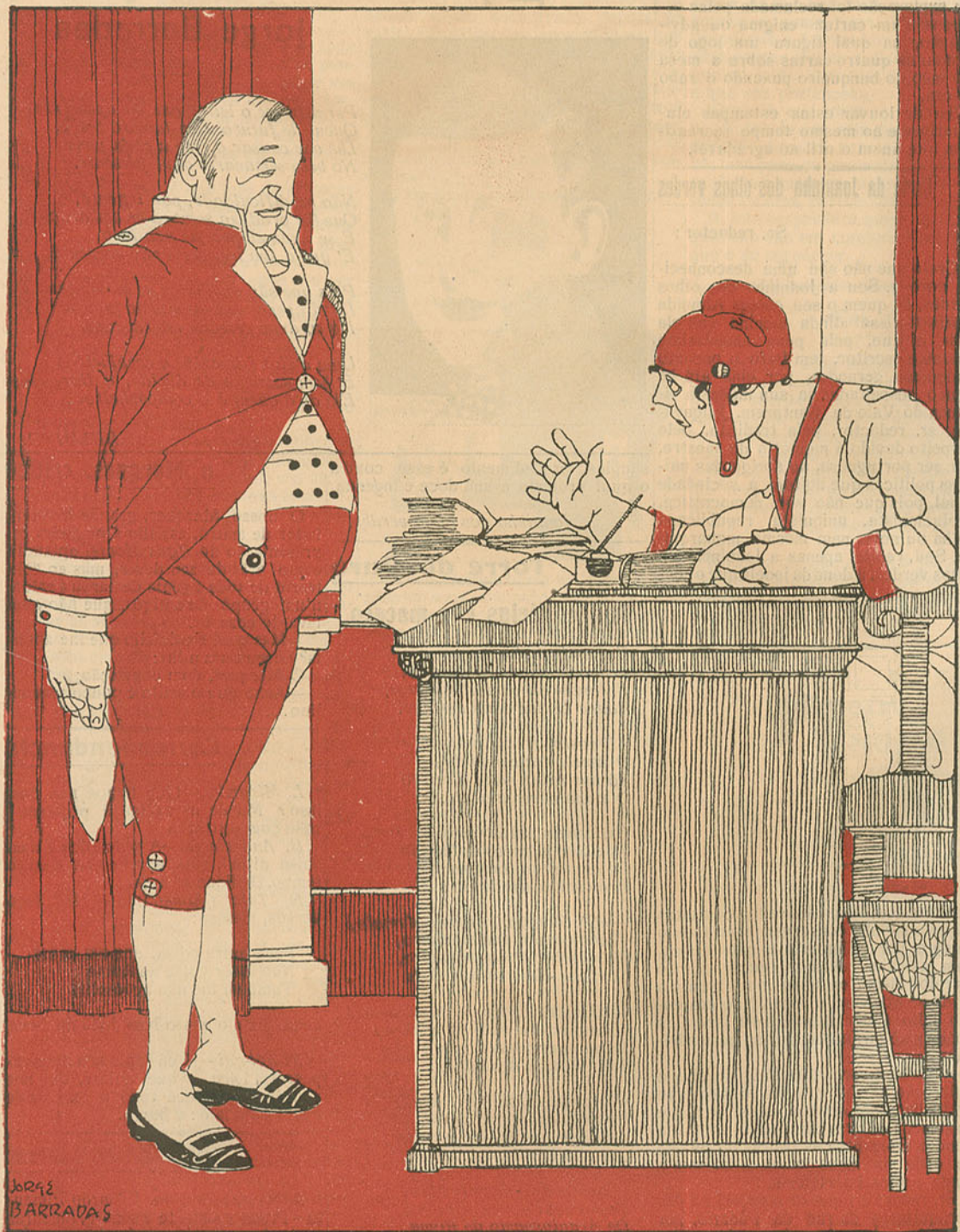
Livros, Livrinhos e Livrecos

Ania de viver, por Eduardo Pimenta — Prosa veemente e sonora, loucuras sensuais, a apotheose da ternura do-mestica — tal é este romance, em cujo autor se advinha a um analista de almas e de corpos. Lê-s-se com interesse, que é meio caminho andado para o exito.

Fóra de casa

«Os representantes das pequenas nações só serão ouvidos, na conferencia da paz, quando o assunto a estes disser diretamente respeito».

(Dos jornaes).



O CONTINUO:

- Está lá fóra o sr. Portugal
- Que vá para a bicha.